

FINFAM

FINANÇAS, GÉNERO E PODER

PTDC/IVC-SOC/4823/2012-FCOMP-01-0124-FEDER-029372

THE IMPACTS OF THE CRISIS AND COPING STRATEGIES

SÍLVIA PORTUGAL

CATARINA FRADE

31 August - 1 September 2015

International Seminar

Couples' Finances in the Crisis: Gender, Power and Inequalities

THE IMPACTS – SOME PREVIOUS QUESTIONS

- ▶ Unequal social impacts
- ▶ The facts and the discourses
- ▶ “before the crisis”

RESULTS IN-DEPTH INTERVIEWS

- ▶ 40 interviews with couples
- ▶ 30-50 years old (one member)
- ▶ With children
- ▶ North, Center and South (Lisbon and Alentejo)
- ▶ Urban and rural areas

FINFAM

FINANCES, GENDER AND POWER

PTDC/IVC-SOC/4823/2012-FCOMP-01-0124-FEDER-029372

▶ UNEQUAL SOCIAL IMPACTS

- ▶ The middle class
- ▶ Public servants
- ▶ Women
- ▶ Young people
- ▶ Unemployed people
- ▶ Small business owners
- ▶ Retired
- ▶ Poor people

UNEQUAL SOCIAL IMPACTS

“Eu costumo dizer que antes era rica e agora sou pobre.” (Florinda, 47 anos)*

“As minhas filhas não notam a crise. Elas não sentem falta daquilo que nunca tiveram. Elas nunca tiveram uma Playstation, eles nunca tiveram a PSP. A minha Rita só agora com vinte e um ano é que eu lhe comprei um telemóvel melhorzito.” (Aida, 43 anos)

UNEQUAL SOCIAL IMPACTS

“Eu agarrei nessa frase e acho que faz muito sentido. A crise não afeta os pobres... O pobre é pobre. As pessoas que caem na desgraça, por assim dizer, e... Eu julgo que sejam pessoas que nunca foram pobres. Tinham um certo estatuto e de repente ficaram sem trabalho, ok. Essas pessoas ficaram sem chão. E não sabem o que é que vão fazer... Nunca tiveram que, se calhar, andar à procura... Nunca tiveram que se sacrificar nada. Nós sempre tivemos esse... Essa educação desde sempre... A gente andámos sempre a esgravatar não é? Vá entre aspas para ter qualquer coisa e... Não somos muito de esbanjar dinheiro, nem de fazer grandes...” (Bento, 31 anos)

UNEQUAL SOCIAL IMPACTS

*“Entretanto a gente planeamos às vezes muita coisa e não fazemos, porque começa-se a ver o ambiente e começa-se a ver que o pessoal... Isto é assim a gente sabe bem quando o pessoal tem dinheiro e quando não tem. Só... **Nestes sítios nota-se.** Nestes sítios no comércio a nível de vidas e... E a gente levanta-se ou conversamos e dizemos assim... Eh pá vamos fazer isto, vamos fazer aquilo... Mas estudamos bem. Antes de fazer a gente estuda muito bem as coisas... Para não dar um tiro no escuro.” (Álvaro, 36 anos)*

THE FACTS AND THE DISCOURSES

- ▶ Paradox: discourses minimize the crisis while reporting strong effects in several domains

THE FACTS AND THE DISCOURSES

“Perdemos poder de compra, mas não notamos a crise” (Aida, 43 anos)

“Nós somos dos casais beneficiados, porque não sentimos ... Quer dizer, sentimos a crise porque tivemos que nos cortar alguns luxos. Mas não temos falta de nada, não é? Nem os nossos filhos têm falta de nada... Nisso... Mas pronto. Mas trabalhamos para isso, também. É assim...” (Balbina, 37 anos)

“BEFORE THE CRISIS”

- ▶ “The euro”
- ▶ Personal trajectories
- ▶ Economic changes

THE IMPACTS

- 1) Work and employment
- 2) Income
- 3) Consumption and savings
- 4) Quality of life
- 5) Family life
- 6) Leisure and sociability
- 7) Autonomy and life projects
- 8) Presentification of life / lack of future

WORK AND EMPLOYMENT

- ▶ Unemployment
- ▶ Exploitation
- ▶ Instability and uncertainty
- ▶ Precariousness
- ▶ Poor working conditions
- ▶ Overwork (paid and unpaid work)

WORK AND EMPLOYMENT

Ana - Há dois anos pronto... Eles começaram a pagar mal, ele começou a receber muitas penalizações... É... É este... O privado, às vezes, esquece-se um bocadinho de mimar as pessoas e só penaliza, não só no trabalho, mas também na parte económica. O António, pronto, deixou de ter fins-de-semana, passou a não ter horas de chegar a casa, a sair todos os dias às sete da manhã e nunca sabia muito bem a que horas é que chegava... Fins-de-semana não existiam... E então... Para chegar ao final do mês economicamente nada...

António - Não era mau... Mas tendo em conta aquilo que se trabalhava, não é? Cada vez o trabalho era mais, as exigências eram maiores... Tanta coisa em cima de nós e monetariamente não se via nada, está a entender?

E - Mas o que é que se passou na empresa para haver essa...

António - Foi então... Procedimentos novos, então? É assim o país estava a entrar numa crise, não é? E eles tinham... O que é que dá, o que é que dá hoje em dia o dinheiro a uma empresa? O menor número possível de funcionários com o maior número de trabalho possível feito. Basicamente, era isso. Nós tínhamos umas escalas de prevenção, a gente ganhava bem inicialmente... Deixaram de pagar até um quarto, quer dizer... Imagine. Eu só estive dentro de isto tudo... Houve um mês que eu trabalhei e foi aí que eu disse... Chega disto, não estou mais para andar aqui. Porque eu gostava e ainda hoje estou ligado, não é? A empresa, não na mesma área, estou noutra área. Imagine isto... Eu andei a trabalhar um mês inteiro, não é? A pensar eu que ia ganhar mundos e fundos em... Em trinta e um dias do mês descansei um dia ou dois, ou seja, fiz coisas fora da lei, não é? Trabalhei doze dias sem parar, sem descansar, sem fins-de-semana, sem nada.

(Ana, 40 anos, António, 36 anos)

WORK AND EMPLOYMENT

“Agora o impacto da crise na vida profissional... Prontos é a exigência cada vez maior, aquela sensação de estarmos a trabalhar sempre com o machado em cima da cabeça, nunca sabemos o que é que pode acontecer no dia seguinte é... Prontos. Acho que isso é um reflexo da crise ou pela crise em si, ou pelo aproveitamento da mesma, isso agora é que não sei...” (Diogo, 44 anos)

WORK AND EMPLOYMENT

“As pessoas querem trabalhar ouvem sempre um não. Não é justo aqui em Portugal... Eu acho, olhe, não sei o que é que eu lhe diga mais. Acho que, se calhar, digo que estes grandes governos, se calhar, deveriam de estar nestas... Deveriam. Deveriam ver bem as pessoas que estão nestas situações. Deveriam ver bem... Porque é assim não é nada com eles. Eles? Quantos ordenados é que eles recebem? Isto magoa-me percebe? Isto... Eu fico triste com isso.”
(Dores, 42 anos)

INCOME

Dina: Já não sou aumentada há dez anos.

Dinis: O meu já para aí... O meu já para aí há... Sei lá! Há quatro ou cinco anos que não me mexem. A não ser aquela percentagem mínima que eles dão não é?

(Dina, 43 anos, Dinis, 44 anos)

CONSUMPTION AND SAVINGS

Cf. coping strategies

- ▶ Cuts
- ▶ Changes in consumption patterns
- ▶ Reduced savings
- ▶ Increase in basic living expenses

CONSUMPTION AND SAVINGS

Dina: *Em termos da alimentação não. Em termos da alimentação nós nunca fomos pessoas de luxos, portanto, nós até na alimentação não mudámos muito.*

Dinis: *Não. Mudámos algumas coisas e eu só bebia leite [marca do leite] e agora bebo leite da marca [nome da marca]. Antes achava... Não... Só gosto deste leite. Agora pensando no preço, se calhar, já gosto do outro, percebes? E bebia sempre iogurtes magros de uma marca especial, agora bebo iogurtes magros da marca [nome da marca] porque são mais baratos. Nesse tipo de coisas que nós fazemos quase... Fazemos quase aos poucos sem... Sem darmos por ela, não é? São pequenas... Pequenos hábitos que nós fomos mudando... Vamo-nos adaptando. Se calhar, às vezes, abdicamos um bocado de qualidade... De qualidade das coisas que consumimos porque os preços das coisas de qualidade são um bocado inoportáveis, não é? E depois vamos às marcas brancas... Quase para tudo não é? Isso é... Essa mudança também se registou. O irmos comprar sempre quase tudo marca branca.*

(Dina, 43 anos, Dinis, 44 anos)

CONSUMPTION AND SAVINGS

“Nunca mexíamos naquela conta, raramente, mexíamos naquela conta. E de repente de um momento para o outro por causa do IRS, por causa da venda das quotas, tivemos que mexer nesse dinheiro todo... Ficámos sem dinheiro absolutamente nenhum, porque o dinheiro da... Porque o IRS nesse ano foi um balúrdio e... E não conseguimos juntar. Para conseguir juntar é quase preciso fazer uma ginástica... Para conseguir por cem euros de lado, de vez em quando... Neste momento temos quatro mealheiros que eu estipulei que havia de haver cá em casa. Um para irmos à Serra da Estrela, porque se não nunca conseguíamos ir à Serra da Estrela. A gente antes de... Antes de a Maria nascer, não... Até aos dois anos da Maria... Até começar isto tudo... Conseguíamos ir sempre à Serra na altura do Carnaval.” (Bebiana, 42 anos)

CONSUMPTION AND SAVINGS

“O impacto da crise é aquela coisa faz-me pensar duas, três vezes antes de gastar um euro. É uma forma de expressar... Gostava de ter isto, gostava de ter aquilo... Mas fico sempre a pensar... Mas eu preciso mesmo? É mesmo necessário? Não posso... Este não serve? Aquele não faz o mesmo efeito? É essa retração... Essa falta de confiança no futuro. O medo no futuro que leva, digamos, a que eu não esteja à vontade para gastar dinheiro.” (Diogo, 44 anos)

CONSUMPTION AND SAVINGS

“Tenho saudades de poder olhar para a minha conta bancária e dizer... Afinal, cheguei a este mês e consegui pôr trezentos euros de parte. Tenho saudades disso... Da poupança.” (Ana, 40 anos)

QUALITY OF LIFE

- ▶ “we do not live, we survive”
- ▶ “Cheaper life, worse life”
- ▶ “luxury” / “extravagances”

FINFAM

FINANCES, GENDER AND POWER

PTDC/IVC-SOC/4823/2012-FCOMP-01-0124-FEDER-029372

FAMILY LIFE

- ▶ Lack of time due to overwork
- ▶ Marital problems
- ▶ Reduced fertility
- ▶ Increased care work

FAMILY LIFE

E. É só trabalho...

Florival: *Trabalhinho, trabalhinho, trabalhinho... Enquanto pudermos (risos).*

Florinda: *E depois às vezes eu ralho que já é demais... Nunca estamos sequer juntos. As semanas que eu faço das quatro à meia-noite quase nem nos vemos...*

Florival: *Naquela semana só de manhã é que estou um bocadinho enquanto ela está a aviar a merenda... Há muitos dias que está cansada tem que se ir deitar mais um bocadinho... É só aquele bocadinho...Aquele quarto de hora que eu aqui estou mais ou menos... Estamos aqui de manhã um com o outro e é um quarto de hora... A conviver.*

(Florival, 52 anos, Florinda, 47 anos)

FAMILY LIFE

“Se há uma coisa que eu sinto falta... Agora vou brincar contigo [dirigindo-se à mulher:] É de namorar um bocado, é de sair de casa... Mas é a tal coisa. Mas quando a gente o faz eu sinto que falta-nos ali algo, não é? Quando a gente faz, a gente deixa o João e a Teresa em qualquer sítio... Falta-nos algo. Eu quando vou para algum lado... Quando íamos estava mortinho para vir para casa porque estava com saudades de estar com eles, não é? É diferente. Agora é assim... Faz falta? Faz. Faz falta... Então não é? Se não isto começa a ser uma rotina de vida. Sempre a mesma coisa chega a um ponto que isto há-de rebentar para algum lado, não é? Por isso é que eu digo, acho que tudo faz falta.” (António, 36 anos)

LEISURE AND SOCIABILITY

- ▶ Lunches and dinners
- ▶ Holidays
- ▶ Children's activities
- ▶ Domestic labor instead of leisure

LEISURE AND SOCIABILITY

- ▶ Social invitations
- ▶ Bonding social capital / bridging social capital
- ▶ Familialism

LEISURE AND SOCIABILITY

“Passear não se pode que a gasolina é como... é como o ouro! Fica-se em casa. Para eles é muito triste... Porque eles dizem... O professor pergunta... Ah, então onde é que vocês foram hoje? E eles quando nós não vamos, não é? Eles dizem... "Oh mãe nós não vamos a lado nenhum!" O professor pergunta, não sei quê... E para eles é muito triste, não é? Se tivéssemos umas condiçõeszinhas de vida mais...” (Dores, 42 anos)

AUTONOMY AND LIFE PROJECTS

- ▶ Dependency of intergenerational support
- ▶ Unpaid work
- ▶ Return of women to the domestic sphere
- ▶ Desired fertility and actual fertility
- ▶ Instability

PRESENTIFICATION OF LIFE / LACK OF FUTURE

“O impacto, o impacto da crise é mesmo... A falta de... A falta de uma pessoa sonhar. Não se pode fazer nada... Não se pode sonhar, não se pode pensar em ter, não se pode. Zero. Sempre um diazinho atrás do outro, não dá para projetarmos nada em termos de vida, nada. E nós funcionários públicos menos ainda, não é? Portanto, é sempre um diazinho atrás do outro.” (Abel, 46 anos)

COPING STRATEGIES

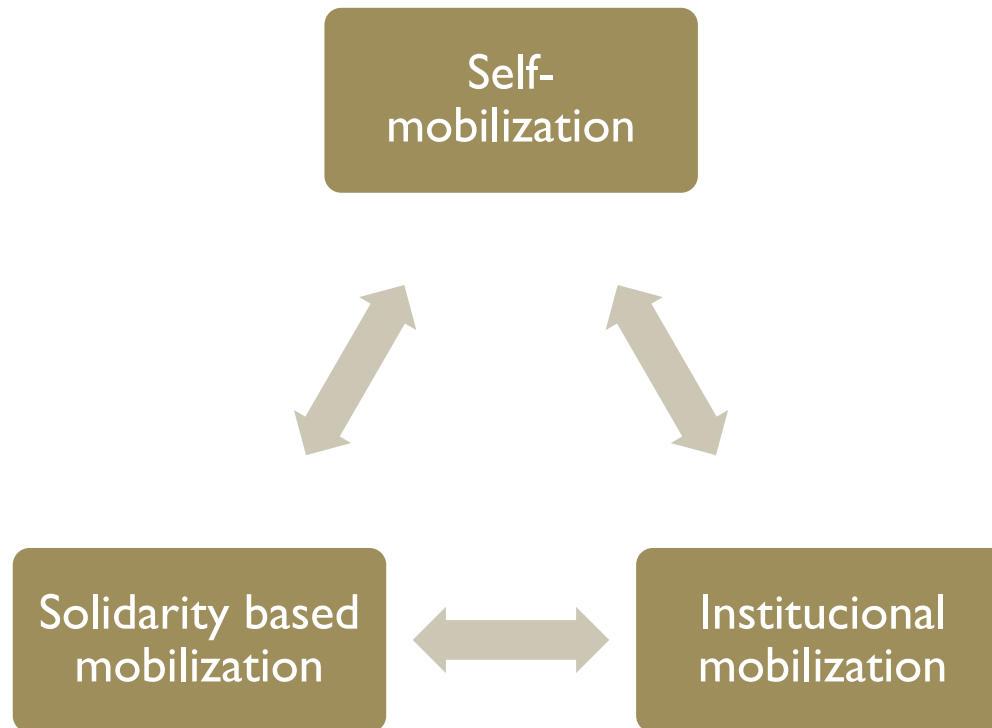
Coping strategies - forms of behavior used to adapt and adjust to adverse conditions (broad terms)

Formal and informal mechanisms adopted by individuals and families, in a relatively planned and deliberate way, to deal with the financial difficulties affecting their quality of life and personal, social, and professional well-being.

(Frade & Coelho, 2015)

COPING STRATEGIES

- Interpretative grid of coping strategies



(Frade, 2006; Frade & Coelho, 2015)

COPING STRATEGIES

- ▶ **Self-mobilization**
 - ▶ Consumption habits - downsizing consumption patterns and lifestyles
 - ▶ Income strategies - personal savings, new or additional job, extra-hours, migration

- ▶ **Solidarity based mobilization**
 - ▶ Kinship and friendship networks
 - ▶ The “ gift” in light of the familialist tradition of Southern Europe
 - ▶ The “cushion” of the welfare society

- ▶ **Institutional mobilization**
 - ▶ Major institutional actors (State, Market, Civil Society)

COPING STRATEGIES

► Self-mobilization

► Table I. Ranking of cuts in household expenditure

Categories	Households who cut spending 2010–2014 (%)
Restaurants	84.3
Holidays and travel	79.5
Other leisure activities	77.4
Household appliances and furniture	66.0
Clothing	65.4
Domestic services	54.4
Support for dependent persons	44.4
Transport and fuel	37.4
Telephone, internet	37.1
Insurance	29.0
Food	23.3
Electricity, gas and water	19.7
Healthcare	13.5
Children's education	12.3

COPING STRATEGIES

► **Self-mobilization:** downgrade in consumption and children's priorities

There are some days we just eat soup. Soup, soup, soup... With no meat ...

[The children] sometimes don't want to ... but what can we do? They eat it up in the end, don't they?

Or potatoes, because we've got a small plot, that's how we get through. We've got potatoes, onions, cabbages... It's how we get through ... And sometimes there's an egg when the hens lay them, well...

Sometimes we eat, sometimes we don't. We only eat potatoes and cabbage, that's it. That's the way it is.

Woman, 42, housewife, 3 children, rural area.

COPING STRATEGIES

► **Self-mobilization: downgrade in consumption and children' priorities**

“I had my life, our life, organized around two good salaries. At the moment, I get an average salary and my husband gets a salary that [depending on the month] might be considered good, average or low.

So, now we have to deal with certain changes. . . . We have to give some things up. We'll have to do without things we don't need. For example, expensive clothes, expensive shoes. . . .

But not things for the children, no! We'll try to keep giving them the best we can.
But we'll have to do without. . . .

No more going to the hairdresser. . . . I used to get lunch out every day. Now, I bring my own food. . . . I just buy a coffee. . . .

I used to do all the monthly shopping in the same place, regardless of whether it was cheaper or more expensive. . . . Not anymore. Now I look around and try to find the cheapest place . . . something I never used to do. I look out for coupons and promotions . . . anything to keep costs down.“

Woman, 40 years.

COPING STRATEGIES

► Self-mobilization: **gender effects**

[The cleaning lady] was one of the things we had to cut. It's one of the things I regret the most. . . . It was a great help . . . those were tasks I wouldn't do and so I had more time to be with the children. I lost that, and I feel sad about it. . . . I just lay them in bed and then I think . . . hell, I didn't even have time today to sit down for a little bit and play with them. Only at weekends, only at weekends.

Woman, 40 years.

COPING STRATEGIES

► Self-mobilization: job strategies and emigration

“That is why we have to emigrate. My daughter went out to Switzerland last year. Some of my brothers are there. And we’ll probably do the same because of the way things are here. . . . There’s no work, we look for it but the answer is always a no. We really have to emigrate.”

Woman, 42 years.

COPING STRATEGIES

► Self-mobilization: **priority to credit installments**

“Well, usually it is like this. . . . On the 23rd, the installments come up for the house, the car, such kinds of things. I pay those first bills straight away, out of my salary. Then, his salary comes in on the 30th, which helps to manage the budget. We haven’t been able to save anything recently . . . nothing. . . .”

Woman, 40 years.

“My [main] concern is not to owe anything to anyone. . . . Being able to pay the bills and have something left over is a very good thing, I’d say, honestly.”

► *Man, 36 years.*

COPING STRATEGIES

- ▶ Solidarity based mobilization: the economy of the “gift” (Marcel Mauss)

“Currently, as my husband is working nearby, when I can’t cook lunch he is going to have lunch at my mother’s because she also lives nearby. . . . And that really is a big help.”

Woman, aged 43.

“His mother brings us home-grown stuff when she can. . . . She brings lemons, garlic.”

Woman, aged 36.

“My mother pays for a cleaning lady to come to us three hours a week.”

Woman, aged 34.

COPING STRATEGIES

► Institutional mobilization: **from distrust to request**

“Because people no longer trust the banks. . . . We don’t trust anyone anymore, basically. There’s very little trust in those people. Moreover, I don’t know what it will be like with this crisis. I simply don’t believe anything they say. . . . They can be from the left, the far left, the far right - it’s all the same to me. . . . I don’t really trust them [the politicians]. So we always have to wait and see what happens.”

Man, 46 years.

“We chose to change the loan and spread it out longer to bring down the installments.”

Woman, 43 years.

COPING STRATEGIES

- ▶ Institutional mobilization: **strategic default until bankruptcy**

“Now, above all, as my husband is off work, sick, it’s very difficult. Very. . . . I’ve got some bills I haven’t managed to pay. . . . I always pay the latest one, always the latest. . . . So the latest is always in stock. . . . I do this way because otherwise . . . it is very hard, very difficult.”

Woman, 42 years.

“As a rule we always use the overdraft to pay the installment on the house.”

Woman, 43 years.

Table 2. Number of bankruptcy files, by year

Source: DGPJ – Ministry of Justice.

	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014*
Total bankruptcies	2,824	3,856	5,467	6,795	11,228	16,433	17,330	8,152
Total individual bankruptcies	529	759	1,440	2,454	6,214	10,018	11,409	5,615

* 1st semester

CONCLUSIONS AND FINAL REMARKS

- ▶ Familist is a persistent, longlasting trend but under threat
- ▶ Increasing risk of loss of individual authonomy, mostly women emancipation
- ▶ Increase dependency of the market's provision of welfare – “the debtfare state” (Susanne Soederberg)

REFERENCES

- ▶ Frade, C. & Coelho, L. (2015), “Surviving the crisis and Austerity: The coping strategies of Portuguese households” *Indiana Journal of Global Legal Studies*, 22, 2, 631-664.
- ▶ Frade, C. (Coord.), Lopes, C., Nogueira, C., Magalhães, S. & Brinca, P. (2006). *Desemprego e sobreendividamento: Contornos de uma ligação perigosa*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.
http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/453_433_relatorio_desemprego_sobreendividamento%255BI%255D.pdf

Thank you!